



**As experiências e os sentidos de médicos psiquiatras no tratamento de pessoas vítimas de violências urbanas do CAP'S de Messejana em Fortaleza Ceará**

Deybson de Sousa Cavalcante

**REDENÇÃO (CE)  
2018**

**As experiências e os sentidos de médicos psiquiatras no tratamento de pessoas vítimas de violências urbanas no CAP'S de Messejana em Fortaleza Ceará**

Deybson de Sousa Cavalcante

Projeto pesquisa apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em humanidades, pela Universidade da integração internacional da lusofonia Afro brasileira.

Orientador: Prof.: Dr.: Carlos Henrique Lopes Pinheiro.

**Redenção (CE)  
2018**

## **Sumário**

1. INTRODUÇÃO 1
2. JUSTIFICATIVA 3
3. OBJETIVOS 8
  - 3.1 OBJETIVO GERAL 8
  - 3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS 8
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 9
5. METODOLOGIA 19
6. CRONOGRAMA 22
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 23

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um projeto de pesquisa ao qual objeto situa-se em torno de perceber nos discursos médicos, os modos de violências urbanas, e suas afetações à saúde mental. Buscando refletir os métodos e os caminhos para a proposição de realização uma pesquisa sobre os sentidos e as experiências dos profissionais da medicina psiquiátrica do CAP'S (centro de atenção psicossocial)

geral de Messejana, a fim de compreender os sentidos dos profissionais sobre a violência como fator de adoecimento psicológico.

Partindo da preocupando com as interpretações dos médicos psiquiatras em tratar os pacientes da unidade acometidos por doenças mentais relacionadas aos fenômenos de violência uma vez que a teoria social, antropológica e psicológica dão conta das percepções sobre os marcadores de fatores sociais de adoecimentos psíquico associados à violência e Percebendo que, o CAP'S de Messejana é uma unidade que recebe pacientes com muitos marcadores de vulnerabilidades sociais, os profissionais, bem como seus sentidos e experiências podem ser um motor de demonstração social dos fatores de violências na cidade.

Desse modo, cumpre indagar, como as violências criminais estruturais urbanas poderão ser sentidas como fator de adoecimento mental dos seres humanos? Essa questão pode ser um marcador para possíveis indicadores sociais refletidos por meio dos tratamentos médicos realizados no CAP'S, portanto, se propor a tentar perceber como os psiquiatras compreendem, visualizam e observam os fenômenos sociais de violência com a saúde mental, é por hora a construção do objeto de pesquisa e, com isso, indiretamente será possível também notar um dado aproximado da quantidade de pessoas que foram atendidas pelos médicos entrevistados na unidade.

Tendo em vista os crescentes marcadores sociais de violências criminais urbanas nas regiões em que são cobertas pelo atendimento psiquiátrico do CAP'S de Messejana, bem como a observação/desnaturalização dos fenômenos de violência e suas associações com o adoecimento mental, uma reflexão empírica dos espaços de vivência dentro da cidade, viabilizou o motor de reflexão sobre essa parte da cidade composta de violências criminais presentes no cotidiano das

comunidades, entendendo que o local de busca e ajuda psicológica é também um espaço de informações sociais.

Portanto, busca-se planejar uma pesquisa para retratar essa interpretação segundo a visão dos profissionais da unidade como sendo uma representação dos marcadores de vulnerabilidades e portanto de violências criminais urbanas.

## 2. JUSTIFICATIVA

Pensar em planejar um estudo sobre a dinâmica de atendimento médico de um Centro de atenção psicossocial, que por sua vez faz atendimento de uma região com muitos marcadores de vulnerabilidades sociais e com muitas manifestações de violência, pode ser um campo de produção de conhecimento sobre a sociabilidade desse determinado contexto e mais ainda, refletir como um fenômeno social majoritário, de violência é presente na sociabilidade das regiões.

Atualmente, em Fortaleza, o atendimento de algumas demandas psicológicas são realizadas entre 14 CAP'S sendo 6 gerais e os demais divididos entre atendimentos infantis e ao tratamento de álcool e drogas. O CAP'S que o projeto tentará estudar é o de Messejana, localizado na Rua: Manoel Castelo Branco, número 200. Lá são realizados atendimentos de todas as classes de transtornos mentais e são oferecidos serviço de médicos psiquiatras, psicólogos dentre outros serviços destinados ao acesso à saúde mental.

Os médicos que fazem atendimentos são os responsáveis por identificar e diagnosticar as doenças. Longe de querer dar explicações e diagnósticos de doenças, o nosso objetivo é entender como a psiquiatria entende os fenômenos de violência. A lei 10.216, de 06 de abril de 2001, que trata sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, fala que é necessário que pesquisas científicas que envolvam um cunho diagnóstico e terapêutico, seja feita apenas com o consentimento dos pacientes, e familiares.

Em tal circunstância de pesquisa que não envolverão pacientes nem as terapias, pode-se perceber que há minimamente exequibilidade em seus processos. A mesma lei diz que é responsabilidade do estado fazer políticas públicas para a promoção de ações de saúde mental e a participação efetiva dos familiares e da sociedade civil em geral no processo de tratamento em unidades de saúde mental.

Esses modelos de atendimentos dos CAP'S surgem na tentativa de dar atenção social ao sujeito e suas singularidades. Em um estudo realizado em todos os CAP'S do Ceará, (GODOY, et al. 2007) evidenciaram que as singularidades dos sujeitos se materializam na experiência social com as unidades estudadas, pensando dessa forma se faz oportuno construir pesquisas com perspectiva social sobre essas singularidades, que visem refletir essas experiências do uso dessas unidades.

Em dados encontrados em um Blog da unidade é informado os tipos de atendimentos que são feitos na instituição, são disponibilizadas informações de julho de 2011, mas que podem servir como base para um breve entendimento do que se busca colher diante do atual cotidiano/contexto. O resultado informa que 5 a 10% dos usuários da unidade são idosos, o que se aproxima como o que pretendemos coletar nessa pesquisa, uma vez que observações empíricas demonstram um contingente de pessoas idosas, indo buscar ajuda psicológica na unidade, devido fenômenos traumáticos de violências.

As experiências sociais de individuais do meu cotidiano, me fizeram perceber uma realidade e desnaturalizar tal realidade. Consegui observar nos arredores da comunidade situada no bairro Messejana, conhecida por “carrapicho” um contingente de pessoas em situações de mudança de comportamento logo após fenômenos traumáticos. Parte daí a vontade de compreender as experiências médicas dentro de uma unidade de tratamento de saúde mental, que atende tal região suas visões sobre essa circunstância.

A princípio a vinda para a Universidade me possibilitou um olhar reflexivo sobre tais acontecimentos, por isso, o curso de bacharelado em humanidades, me proporcionou uma reflexão teórica e metodológica para apontar esses questionamentos relativos à violência e o adoecimento mental nessa região.

Tais questões de violências observadas situam-se em torno de: assassinatos com muita violência, decapitação e exposição dos restos mortais em locais públicos, carbonização de corpos de vítimas de assassinatos dentro de velórios, chacinas feitas por policiais, assassinatos frequentes entre grupos rivais, temor em ser atingido por balas perdidas, violências nas abordagens policiais aos moradores, brigas violentas com mortes marcadas por barbárie entre grupos rivais, ameaças e etc.

O fenômeno social “violência” está cada vez mais presente dentro das relações e estruturas sociais. Não é de hoje que a violência tem ganhado espaço para as discussões e percepções de suas causas e consequências, concomitante ao advento das relações líquidas e ao modo de organização social, das/nas cidades, conforme pensa, (MAGNANI, 2002) é possível pensar que a vida nas cidades são formadas sobre uma lógica de constituição de confiança e desconfiança, e portanto pela lógica do medo. Pois segundo (BAUMAN, p.6, 1999), “Poderíamos dizer que a

insegurança moderna, em suas várias manifestações é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos”

As violências criminais das cidades vem cada vez mais sendo notada, e tem cada vez mais ganhando espaço nos modos de relações sociais sendo possível vir a captar que as relações com as violências criminais podem ser notadas a partir da liquidez e que por isso passa a ser naturalizada e pensada em formato de redes e de dinâmicas de sociabilidade, porque faz parte de um conjunto de regras de comportamento e de condição de classe social.

Nesse mesmo sentido, de classe, podemos perceber que a violência está sendo colocada dentro dos modos de sociabilidade, a partir de lógicas de totalidade e configuradas de diferentes formas e em diferentes contextos, conforme pensa (ARENDR, 1970). Essas possibilidade de disseminação das violências estão em todos os locais e todos os espaços, sendo propagados por meio do uso de poder.

Todavia, as violências frente a uma dada realidade social pode ser fenômeno de consequência de uso de poder, e a partir daí, pensar as violências em regiões com marcadores de vulnerabilidades sociais nos induz a perceber que elas são configuradas a partir das experiências dos sujeitos que dividem aqueles espaços urbanos entre sí e/ou de outros sujeitos que vem de fora para ambos abusando do uso de poder.

Contudo, perceber as violências e o poder dentro dos espaços de sociabilidade do meio urbano, sobretudo naqueles com maior índice de instabilidade social, são urgentes e necessários porque possibilita retratar esses modos de sociabilidade como agente causador de danos ao psiquismo humano e com isso vir a pensar que as violências são (re)produzidas, configuradas e mutáveis de acordo com a realidade de cada território ou localidade.

Conseqüentemente, essas ações refletem o cotidiano de atendimento de um centro de atenção psicossocial, bem como, os sentidos dos profissionais da unidade. Logo, isso pode ser dados sociais de grande importância para se pensar e questionar os modo violentos de viver na cidade. Isso academicamente, possibilita uma ampla rede interdisciplinar de estudos, que visem compreender fenômenos de estruturas sociais desses territórios, e da dinâmica de uso poder e as consequência aos psiquismo que são travadas dentro desses espaços urbanos, com isso, tais discussões serão de constante preocupação: sociológica, psicológica e antropológica.



Por que pensar a violência como estrutura social e relativizar esses fenômenos ao processo de adoecimento mental? As estruturas urbanas de reprodução das violências estruturais estão diretamente associadas a mudanças de comportamento. Para entender isso, (CUNHA, 2000) em sua Obra psicodiagnóstico está sempre elucidando que o indivíduo passa a assumir comportamentos característicos de cada tipo de transtornos, tais comportamentos objetivam chegar em uma condição aguda, o que nos leva a pensar que conduz o indivíduo a procurar ajuda.

Quando alguém desenvolve certos tipos de comportamentos característicos de doenças mentais é o momento que o leva a procurar ajuda psicológica, partindo dessa suposição, de condição aguda de doença mental, e a busca pela ajuda em um equipamento de saúde pública, imediatamente esse equipamento bem como os profissionais, são de extrema importância para levantamentos de dados sociais sobre a unidade e o contexto social de atendimento que é realizado.

A partir de um pensamento sobre a relevância social, em realizar uma reflexão sobre os contextos de violência criminal urbana da região em que é atendida pela unidade tal reflexão será importante porque trará levantamento de dados sociais sobre as violências e suas afeções ao psiquismo associando as percepções às estruturas sociais de violência desses locais e a partir daí poderá se introduzir uma discussão sobre a produção de políticas públicas que formulem a construção de redes para o fortalecimento no atendimento de pessoas vítimas desse fenômeno.

Não se faz muitos esforços para entender que tal fenômeno social que visa ser estudado, é importante porque marcadores de vulnerabilidades e o convencimento de que podem ser úteis para a dinâmica urbana e social de um dado contexto. As discussões sobre território e saúde mental podem oferecer dados e informações de grande valor acadêmico pois possibilitará uma reflexão da sociedade em que se está inserido, e isso se dá no sentido mais empírico das reflexões sobre as percepções.

As tentativas de tornar um objeto de estudo como fonte de informações sociais é uma forma digna de se perceber a relevância acadêmica uma vez que academicamente, a teorização dos objetos empíricos é no sentido de perceber a mudança de reflexão da realidade social, e a vontade de teorizar as discussões

percebendo uma necessidade se trabalhar a interdisciplinaridade como fator de entendimento e reflexão social.

Essa perspectiva interdisciplinar reverbera ainda mais uma discussão sobre as diversas formas teóricas, e portanto, acadêmicas de se viver nas cidades e com isso, pode-se pensar que a relevância acadêmica do projeto de pesquisa é vir a futuramente propiciar uma discussão teórica e interdisciplinar, sobre os modos de vida violentos, via observação das percepções dos médicos.

Pensar o território urbano de forma interdisciplinar, associado os fenômenos de violência criminal e saúde mental se faz logo necessário e urgente refletir sobre as políticas públicas que podem vir a ser construídas para contemplar essas redes de fenômenos sociais que envolvem muitos agentes do poder do estado bem como as pessoas vítimas e beneficiárias das ações do estado em decorrência das diversas formas de cristalização das criminalidades violentas nesses determinados contextos.

### **3.OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Investigar o cotidiano de atendimento do CAP'S de Messejana, com ênfase em entender o que compreendem os médicos psiquiatras sobre o tratamento de pessoas vítimas de violências criminais urbanas.

#### **3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Realizar um levantamento a cerca da quantidade de pessoas vítimas de violências atendidas no CAP'S de Messejana;
- Compreender a distribuição interna da unidade no atendimento a pessoas vítimas de violências criminais do meio urbano que esse CAP'S atende;
- Observar o cotidiano, compreender a lógica de atendimento registrar compreensões médicas sobre a experiência em tratar tais pessoas.

## 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com a finalidade de apresentação das pesquisas que são de fundamental importância para entendimento dos modos de organização urbanas, e dos modos de constituição cultural do meio urbano, sobre as formas de (re)produção de violência e por fim sobre os CAP'S. Apresentaremos conceitos que são de basilares para os apontamentos iniciais na formulação do objeto.

A tomada de partida de percepção sobre como as vidas se organizam sobre uma ótica de estrutura social bem como da dinâmica de atendimento médico de uma unidade de saúde pública é, um significado sobre sensibilidade da cidade e de seus protagonistas, nesse sentido de sensibilidade, um teórico chamado Henri Lefebvre, em seu texto o direito à cidade diz que a estrutura social está presente na cidade, portanto é nesse ponto que ela se torna sensível, ou seja é nesse ponto que ela pode ser sentida, o que significa uma ordem ou modo de vida, porque ela traz a tona o próprio modo de vida na cidade.

Inversamente a cidade é um pedaço do conjunto social, porque as contém e incorpora na matéria sensível às instituições e ideologias, como pensa, (LE FEBVRE, 1991). Assim, esse pedaço de conjunto social nos faz pensar sobre a formação de um fator mais amplo sobre as vidas das cidades e sobre as percepções e as categorias sociais e de sociabilidade, sobretudo de sociabilidade violenta.

Os processos de entendimento das cidades marcam uma necessidade de se refletir sobre os fenômenos de segregações sócio espaciais, pois como muito bem pensa (BAUMAN, 2009) as formas de produção de segregação das cidades e por consequência da vida nas cidades é fundada sobre uma perspectiva de conotação vertical ao qual põe em evidência o crescimento do via dos mais ricos, ou seja, a proposta de crescimento urbanístico é formada na lógica capital de quem mais tem acesso ao mercado de consumo. Entretanto, os outros seios sociais de pessoas que menos passam a desenvolver outra experiência de se viver nas cidades, por sua vez são colocadas dentro de sistema de proteção social.

Não se faz muitos esforços para perceber que isso por sua vez pode ser um agente de contribuição para o crescimento de violências, sobretudo das criminais. A dicotomia de experiências entre as divisões sociais e econômicas dos modos vida

das e nas cidades (MAGNANI, 2002), expressam um olhar diferente de acordo com a realidade de cada contexto.

A tomada de decisão de entrevistar a percepção dos médicos sobre os sujeitos adoecidos é puramente uma interpretação teórica e metodológica muito destinada a entender os modos de vida das cidades, pois trará uma percepção da experiência de relatos pensando a dimensão de uma análise dos modos de sociabilidades da vida das cidades segundo uma interpretação que pode ser tomada por via das suas visualizações sobre a violência a partir de suas experiências no CAP'S.

Nesse sentido que se aproximamos da prática dessa dicotomia entre os modos de perceber das/nas cidades. Suas experiências de observar e tratar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002) esses modos de sociabilidade podem apresentar discursos que perpassam as categorias de análises econômicas de segregações sócio espacial.

Perceber que haverá uma diferença entre as classes sociais dos médicos que atendem e dos pacientes que procuram a unidade, são importantes porque podem ser feitos mais uma vez dialogados com o que pensa (BAUMAN, 2009) sobre a divisão econômica dos espaços urbanos, nesse processo entre localizações e suas dinâmicas econômicas é que podemos perceber segundo que: “Em algumas análises, a dinâmica da cidade é creditada de forma direta e imediata ao sistema capitalista” (MAGNANI, 2002, p.14).

Entrando em uma discussão sobre a vida na metrópole e as suas relações com os fenômenos de vida mental, já pode-se tirar uma conclusão coerente sobre essas relações, a vida na cidade é feita de forma complexa e modificadora de comportamento. Logo, mudança de comportamento, partindo de uma visão mais sociológica pode ser entendida como pensa, (SIMMEL, et al, p. 12, 1979) ao destaca que a vida mental na cidade é marcada por:

A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos, que resulta da alternância brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais — todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos

consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas

Tendo em vista essas formas de se pensar as ações meta-psicológicas do modo de organização na vida urbana, essas condições impõe pensar como a vida na cidade é marcada por ações naturais do nosso comportamento que são diferentes de outras regiões que não são marcadas pelas organizações urbanas, ou seja, uma região que não é urbanizada é portanto uma região que venha a afetar diferentemente nossos sentidos sensoriais, e assim o modo de organização econômica da vida na cidade faz uma formação sensorial da mente (SIMMEL, et al. 1979).

Dentre as muitas formas de constituição do homem urbano, uma variante possível é pensar que a vida na cidade possibilita a construção de um uma função metapsicológica que visam a proteção frente às correntes e discrepâncias, conforme pensa (SIMMEL, et al. 1979).

Entrando na discussão sobre as formas de violências criminais urbanas e sobre o processo, de cristalização ou seja, de permanência da violência como ideal de absorção para o inconsciente, e para a processo de formação sensorial da mente, com pensa (SIMMEL 1979) bem como as perspectiva inconsciente ao qual é por hora, um das abordagens teórica que mais se aproximam da realidade em que se deseja estudar e que mais pode-se aproveitar para que possa ser construída uma percepção da violência.

Para tanto a discussões sobre violência e medo na cidade, uma vez que a violência é um fenômeno associado ao medo, pois parte do medo dos crimes e portanto de quem pratica o crime, se faz extremamente urgente reverberar as palavras de Zygmund Bauman sobre o modo como a dinâmica de medo opera sobre uma ótica de infração das violências e nesse sentido ele resume com “Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos” (BAUMAN, 2009, p. 2).

As violências e a relação com o psiquismo se forma sobre a ótica de desejo, infração e limitação. Ou seja, a infração das normas culturais (leis) e, sobretudo um processo de construção do inconsciente e da linguagem como fenômeno de filogenético do processo de entendimento/produção das violências propagada por aqueles que a praticam, aqueles que sofrem, e os que reproduzem. Assim, a

filogênese da violência é consolidada na perspectiva da cristalização como fator de desejo de onipotência para fenômenos psicológicos de formação da violência por meio da fantasia, como pesam (GUERRA; CARVALHO, 2004).

Assim, para um entendimento mais amplo sobre os entendimentos das formas de violências a fim de apresentar fundamentação teórica sobre os fenômenos de violência dentro da cidade, aqui será apresentado alguns estudos a mais relevantes sobre esses processos.

A violência dentre as muitas formas de se constituir, uma delas pode surgir como efeito de cristalização da fantasia de onipotência, ao qual se dá na dimensão em construção de formas de organização do inconsciente. Ela pode também ser sentida praticada e reproduzida, por meio de um determinismo biológico pelo qual é responsável em assumir formas de sociabilidade violenta.

Percebendo que existem algumas lacunas que deixam a possibilidade de pensar a violência como fator de transmissão genética, e que podem ser associadas diretamente ao comportamento humano, refletir sobre o determinismo biológico para fatores de violências criminais é importante. Para o preenchimento dessas lacunas, da interpretação biológica de alguns fenômenos de violência social, (FLORES, p.1, 2002), fala que :

Estudos recentes mostram que no nível teórico, o descaso em relação a importância de abordagens genéticas e darwinianas da violência deixam lacunas nos modelos causais utilizados. No exercício prático da resolução de problemas sociais, a exclusão dos aspectos biológicos, como a relevância de certos estados mentais nas condutas violentas, leva à ausência de recursos de saúde e assistência social, na sociedade para auxiliar indivíduos predispostos a comportamentos violentos a lidarem com suas circunstâncias.

A dicotomia entre as grandes áreas do conhecimento científico fazem explicações conforme os modos metodológicos de entendimento das sociabilidades, segundo suas visões, acima foi elucidado em breves palavras a proposta da biologia de entendimento dos comportamentos violentos. em contraste a isso podemos entender por meio da sociologia outros modos de compreensão da violência.

Em seguida farei uma análise, onde podemos associar os modos de conhecimentos distintos que objetivam a mesma questão: a violência. Podemos perceber que o determinismo biológico associado ao desenvolvimento social deve

ser compreendidos de formas divergentes, mas que podem ser aproveitados para uma melhor, compreensão dos fenômenos.

Pode-se compreender que as violências por serem objetos de constantes buscas por reflexões de diferentes formas de saberes, podem ser interpretada de muitas formas, e os modos de associá-las pode nos dá uma boa resposta para a futura compreensão que queremos chegar pois, uma compreensão mais interdisciplinar dos fenômenos de violência, podem favorecer entendimentos que visem seguir uma lógica de pensamento sobre os fenômenos psicológicos e sociais que perpassam sobre um reflexões em campos distintos, que no entanto dialogam.

Porém, vale reverberar que, aproveitar o entendimento do determinismo biológico para entender as violências criminais, pode ser também uma porta de entrada para a discussão e diálogo com fenômenos meta-psicológicos, que voltam a perceber a violência como efeito de cristalização da fantasia de onipotência.

Isso porque, a (re)produção das violências, como efeito de cristalização da fantasia de onipotência, perpassam uma dimensão psicológica do inconsciente mas perpassa características biológicas ao qual é individual e coletiva ambas como efeito de fenômenos psicológicos, conforme pensam, (GUERRA, CARVALHO, 2004).

Dessa forma, a violência criminal pode se encontrar em âmbitos do desenvolvimento histórico comportamental da formação do inconsciente. Nessa perspectiva de entender a mola cultural que impulsiona a humanidade para a ordem de seus comportamentos violentos.

Essas percepções possibilitará perceber por meio do discurso médico essas nuances culturais psicológicas e biológicas do comportamento humano. Nesse sentido de cultura e fator de violência um autor, atribui a alguns tipos de violências com características ou comportamentos agressivos, como sendo presentes no psiquismo humano e entendidos enquanto forma de sociabilidade natural dos seres humano, o autor fala que:

A principal lição dos estudos bioarqueológicos é de que a violência interpessoal é uma rara igualdade na história humana. Não há nenhuma forma de organização social, de modo de produção ou de condições ambientais que tenha permanecido livre de violência por muito tempo. (FIORES, p. 199, 2002).



Ainda nesse mesmo sentido, o autor fala que é nesses termos de linhagem biológica que opera esse mecanismo para o funcionamento do psiquismo e que há também momentos que podem ser vistos em associação das experiências sociais, com os mecanismos biológicos de violência, assim, no trecho do texto (FLORES, 1999, p. 201) o autor fala que:

Não parece possível que existam fenômenos sociais que não sejam mediados pelas mentes dos indivíduos que compõem o grupo social. Não existem mentes que não ocorram fora dos cérebros. Por isso é perfeitamente válido, do ponto de vista científico, analisar os fenômenos nestes níveis, tanto como em níveis de maior complexidade – estes, os preferidos de Rose (1997) e por Minayo e Sousa (1998). Mesmo que o processo de causa da violência seja eminentemente social, como uma guerra por exemplo, o entendimento dos processos que se seguiram, no desenrolar do conflito, deve levar em conta os modelos de funcionamento da mente. A raiva, o medo e os demais recursos de processamento do cérebro dispõem de determinarão as respostas dos indivíduos neste ambiente

Por conseguinte, esses modelos de perceber as violências nos modos de operar psicológico, essa linha de fatores: biológicos, psicológicos, culturais e sociais, podem direcionar uma aproximação com o que se procura ao formular enquanto objeto de pesquisa nesse projeto, entendendo que esses modos tentaram ser compreendidos via modos de organização urbana, a cidade é também objeto de interpretação social, cultural e psicológica.

Perpassando agora para as discussões que se aproximem do objeto para realizar junções, ou seja, as articulações possíveis no quesito violência urbana Se faz necessário para podermos compreender como podem ser feitas essas articulações perceber que os fenômenos de violências urbanas não são as mesmas em todos os contextos urbanos ou em todos os lugares do mundo.

É preciso entender que há diferenças das violências urbanas entre os países, e até mesmo entre os bairros. Em investigações feitas em grandes escalas, por meio do estudo de (MECÉ, 1999), ao qual comparava o Brasil com a França, pode dá um direcionamento, fim de fazer comparações para melhor compreender as divergências entre as localidades.

Podemos perceber por meio desse estudo que as violências urbanas na França de forma majoritária existem devido às rebeliões da sociedade contra o

estado nas regiões periféricas do país, sendo o alvo o governo, enquanto o Brasil de uma forma macro há violências por falta de regulações no seio de uma sociedade que está em processo de abertura política, econômica e cultural, proporcionando assim as formas de sociabilidade violenta, conforme pensa (MECÉ, 1999)

Pensar alteridade de locais pode ser um fator de importância ao desenvolver a análise sobre um território, pois possibilitará entender modos de organização cultural de violências diferentes, e com esse exercício é proporcionado uma leitura e reflexão de acordo com a realidade em voga.

Perceber que as questões de violência nas cidades podem ser um fator socioeconômico e também cultural. As formas de percepção podem ser afetadas de acordo com a realidade de cada região, ou seja, perceber que as experiências sociais em dada realidade surgem devido um sentido de administração estatal e administração privada dos ambientes são divergente e devem ser assimiladas para interpretação de acordo com sua realidade.

Esse exercício de contraste é fundamental, pois dá uma a possibilidade de se fazer uma auto-reflexão cultural pondo em maior evidência as percepções. Ao mesmo tempo, esse contraste não foge aos diálogos com as propostas psicológicas, sociais e biológicas dos processos mentais de composição do psiquismo e suas cristalizações nas ações violentas. O contraste fica mais evidente quando ele fala:

Nas favelas de São Paulo, mais instáveis, a constituição de uma economia ilícita gera disputas “comerciais” entre clientes e fornecedores, concorrentes e os que “atrapalham” (militantes, testemunhas); rixas e confusões que são resolvidas por meio de armas, milícias, e até mesmo de cumplicidades com certos elementos das forças policiais. Em outras palavras, as violências interpessoais e criminais nas favelas aparecem menos como efeito de uma falta de socialização no seio de uma população desenraizadas (referencia feita por Norbert Elias) do que como produto da falta de um monopólio da violência legítima por parte do estado, assim como entendia Warx weber. Enquanto no Brasil a violência urbana é antes de tudo um violência anti-institucional, no Brasil ela é uma violência criminal. Mas trata-se de uma outra relação como estado: de um lado o estado francês que não cumpre as promessas de integração social e nacional, de outro o estado brasileiro que não oferece garantias fundamentais. (MECÉ, p.179, 1999).

Podemos agora entender que o estado é um modo de produção de violência mesmo que não seja em vias diretas, como o autor elucida no texto. Assim,

compreender as violências urbanas perpassam por essas questões de divisões de classes e agentes sociais estatais ou não estatais, bem como a produção de violências criminais.

Outro grande fator, é o modo de reprodução das violências, ou seja, a forma como se (re)produz, bem como se constitui o imaginário midiático da violência, nesse sentido a violência cristaliza-se e toma corpo de forma a ser constituída em um imaginário e se solidifica no processo de compartilhamento coletiva das sociabilidades violenta desses contextos midiáticos, conforme pensa (MACÉ, 1999).

Assim, sendo esse universo midiático, principalmente o da televisão brasileira pode chegar a causar espantos severos à saúde mental, pois suas formas de (re) produção da violência ganham objetividade, com proposta de difusão desses trabalhos que é apresentar atividades policiais e reprodução direta das barbáries realizadas ostentando suas eficiências para combater ou mesmo para realizar violências criminais, e bem como apresentar vítimas chocadas das diversas formas de violências, assim (MACÉ, p.186, 1999) fala ainda que:

De qualquer modo, a hegemonia, deste tipo de programa, tanto na televisão quanto no rádio pode ser interpretada com sinal de uma dupla falta: falta de responsabilidade política em relação a significação social da violência e a falta de investimento intelectual numa oferta televisiva abandonada ao populismo.

Passando para uma articulação sintomática, que se aproxima com o universo de pesquisa almejado, a proposta de entender os sintomas psicológicos das vítimas de violências, ou mesmo daquelas que assistem ou presenciam as violências urbanas, é abordado por (FIKS e JUNIOR, 2009), no sentido de entender qual o real significado e ou danos causados ao psiquismo por meio das reproduções de violências, das quais são vivenciadas culturalmente estabelecidas, e se repercutem de modo singular no desenvolvimento agudo de cada transtorno.

Já percebendo as dimensões de formação sensorial e psicológicas que os sujeitos que vivem a cidade e suas experiências com as violências com o modo de vida dos moradores de regiões que são atendidas pelo CAP'S de Messejana possuem experiências singulares em seus modos de sentir as reações psicológicas ao meio em que estão inseridos.

O CAP'S vem a ser de forma mais ampla um espaço de sociabilidade, e ao mesmo tempo um espaço de atenção a esses fenômenos psico-sociológico dos seus usuários, assim, pode-se deduzir que o CAP'S de Messejana, pode ser uma fonte de informação sobre as demandas das constituições sensoriais mentais de seus usuários que são residentes de regiões marginalizadas e compostas constantemente de violências criminais. Por isso, pode-se por hora elencar o cotidiano de um CAP'S como um espaço de demonstração social.

Nesse ponto, estamos buscando formular um objeto de pesquisa dentro do CAP'S, que são os médicos, mas é inegável que o próprio espaço de sociabilidade do CAP'S é de fundamental importância para o entendimento da visão médica. Para tanto, um trabalho realizado em um território urbano de Salvador - Bahia, com a finalidade de compreender a melhora dos pacientes quando estão em relacionamentos interpessoais dentro e fora do CAP'S, apontam que a sociabilidade dos sujeitos podem ser agentes de melhora do quadro em que estão quando estão em contatos interpessoais dentro da unidade.

E nesse ponto podem ser feitas relações com um estudo em que esse projeto tentará estudar ao qual visa compreender as percepções médicas sobre tratar os pacientes vítimas de violência urbana, em uma unidade que segue um modelo de tratamento característicos dos CAP'S, essas relação com a percepção de (SANTOS, NUNES, 2011) sobre a melhora dos paciente quando estão em relações interpessoais no ambiente do CAP'S é importante no sentido de perceber que essa dinâmica de atendimento que não é realizada por hospitais psiquiátricos são de muita importância para consolidação de um modelo de equipamentos que mais deem conta de uma realidade social e do território em que é estudado, para tanto (SANTOS, NUNES , 2011 p. 722) diz que

A relação com o território é certamente um dos fatores que problematizam o universo cultural, simbólico e estético desses sujeitos. Se o território se faz no uso - os "usos" feitos pelos usuários não deixa dúvidas de que no território destes estão o CAPS, a vizinhança e as instituições, como a Previdência Social

O estudo que acima foi elencado, vem com o sentido de podermos notar as semelhanças de marcadores sobre a condição de classe dos usuários CAP'S de Messejana, a fim de perceber que o espaço de constituição dos CAP'S em geral é uma resposta do estado para uma preocupação frente à condição psicológica dos sujeitos que por ventura podem procurar ajuda nesse espaço, é ao mesmo tempo

um informador social, porque pelo fato de poder ser constituído por sujeitos com marcadores de vulnerabilidades pode ser um local de representação social e de muitas informações e percepções.

Nesse mesmo sentido de representação social, outro estudo similar, realizado no CAP'S geral que atende a Regional IV em Fortaleza Ceará, aponta para os processos de adoecimento mental e sobre a necessidade de se entender toda uma dinâmica social que envolvem as condições dos pacientes, profissionais e familiares de pacientes para então serem feitas análises das circunstâncias sociais da unidade e para tanto falam que: (BRASIL, JORGE e COSTA, 2008, p.337)

Os sujeitos da pesquisa, de modo geral, percebem a relação afetiva entre os sujeitos que interagem no CAPS. Os sentimentos manifestos foram: acolhimento, apoio, bom tratamento, bom atendimento e ajuda. Cuidar em saúde mental envolve sentimentos de interação entre usuários/família e trabalhadores de saúde mental, que permanecem ligados por elos afetivos, com a formação de vínculos. O trabalho do CAPS facilita essas relações, valoriza o aspecto social, a participação e a ressocialização das pessoas. Outro ponto de saliência acerca do cuidado em saúde mental diz respeito à participação da família, revelando, com base nos resultados, o grupo familiar como relevante para a reabilitação do doente mental.

Nestes contextos apresentamos aqui uma tentativa de textos que venham corroborar para uma ajuda na leitura teórica do objeto que vem sendo construído e visa ser pesquisado.

## 5. METODOLOGIA

Os métodos a serem utilizados para realizar a pesquisa que deverá ser pensado de forma interdisciplinar. Tentaremos apontar meios para a futura execução da pesquisa com métodos voltados para a observação dos fenômenos de violências criminais urbanas e para o ambiente do CAP'S bem como métodos a fim de perceber os sentidos dos médicos psiquiatras para o tratamento de pessoas adoecidas, vítimas dos fenômenos de violências criminais urbanas.

É importante elucidar que a realização dessa pesquisa terá um carácter qualitativo, porque tentará levantar hipóteses a partir da coleta de dados de um universo bem detalhado, que são os médicos da unidade. Logo, esse método que orienta a pesquisa qualitativa, será o que melhor orientará a pesquisa, uma vez que a preocupação não será em números e sim em compreender um grupo social e suas percepções sobre um dado fenômeno.

Vale ressaltar que a pesquisa qualitativa não segue uma lógica cartesiana. Segundo o pensamento, de (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). A pesquisa qualitativa é oposta ao modelo positivista de produção de conhecimento, e nesse contexto será um método que irá contemplar a tentativa de busca por esses dados. Assim, buscaremos realizar uma análise mais detalhada no discurso dos médicos. Para realizar essa análise do discurso médico, outros métodos de pesquisas que também deverão ser realizados antes de se chegar aos médicos, logo, será preciso entender o contexto geral do CAP'S.

Outro meio possível de metodologia para conseguir colher dados do contexto geral, será a observação simples, tanto do contexto do CAP'S, quanto para os contextos das regiões urbanas que o CAP'S de Messejana atende. Entendo que o pensamento das metodologias são captar amostras sociais e produzir aprofundamentos interpretativos sobre a captação realizada, conforme pensa (GIL, 2010).

Ainda sobre essa proposta de observação simples, do CAP'S é importante reverberar que o objetivo central não será o entendimento via observação simples do espaço do CAP'S, no entanto essa prática será importante, pois possibilitará uma análise ampla do cotidiano da unidade, mesmo entendo que a observação do cotidiano pode ser um formato específico de se fazer pesquisas, e que já pode dar muitos resultados esse método trará possibilidades apenas para reflexão sobre a organização do local, a fim de quando chegar no objetivo central da pesquisa, que

no caso, são os discursos médicos já será possível uma leitura maior sobre todo a dinâmica da unidade.

É inegável que compreensão dos contextos não venham a elucidar muito sobre a construção de hipótese referente ao objetivo geral da pesquisa, contudo entende-se que tal observação simples, será por hora um método inicial muito importante porque dirá muito respeito apenas nos primeiros acessos à unidade, pois desde o momento de construção do projeto esse método já está presente.

Na execução da pesquisa, a observação simples será um método de muito auxílio, por possibilitar a facilitação da interpretação do contexto em que os médicos estão inserido, logo a compreensão desses espaços por meio da observação simples são importante porque possibilita pensar novos métodos, segundo o pensamento de (GIL, 2010, p. 101) “ Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador do que um ator” esse exercício dará maior flexibilidade. Ainda, para que essa perspectiva fique mais clara (GIL, 2010, p. 102) fala que:

A observação simples é muito útil quando é dirigida ao conhecimento de fatos ou situações que tenham certo carácter público, ou que pelo menos não se situem estritamente no âmbito das condutas privadas. É pois, muito apropriada para o estudo das condutas mais manifestas das pessoas na vida social, tais como: hábitos de compra, de vestuário, de conveniência social, de frequência a lugares públicos e etc.

Desta maneira a observação simples, perceber os sentidos de médicos psiquiatras sobre as experiências em tratar pessoas vítimas de violências urbanas requer pensar também o contexto geral do CAP'S.

Em seguida, a esse mapeamento geral da instituição, a pesquisa buscará realizar entrevistas com os médicos da instituição. A proposta será realizar entrevistas semi estruturadas, com os profissionais da unidade. Com elaboração dos questionamentos durante a orientação da pesquisa. Dessa forma as entrevistas individuais, como cada médico da instituição podem ser dados mais complexo sobre as suas experiências, com os sujeitos, e porque esse método é por sua vez uma eficiente forma de trabalho para o diagnósticos de problemas humanos, conforme pensa (GIL, 2010).

A entrevista semiestruturada é por sua vez a que mais dialoga com a proposta de entender a lógica de raciocínio médico sobre o comportamento humano, diante das violências criminais urbanas e com isso perceber suas informações como

sendo suscetíveis de dados para poder classificar/ interpretar fenômenos sociais (GIL, 2010). E portanto, é nesse sentido, de preocupação com a interpretação médica que se buscará realizar a pesquisa via entrevista semiestruturada pois esse método é de fácil acesso e não exige uma dimensão mais ampla de preparo do pesquisador para conseguir levantar os dados sociais, conforme pensa (GIL, 2010).

Na metodologia de análises das violências criminais urbanas, poderão ser realizadas reflexões via observação simples e também outros métodos com perceber os modos de relações dos sujeitos com as cidades, no sentido de ver suas experiências (nas) cidades, como pensa, (MAGNANI, 2002) ao apontar os caminhos etnográficos para entender as cidades diante dessa perspectiva, assim, o contrário das experiências (nas) cidades é a experiências (das) cidades.

Entender que os sujeitos que habitam as cidades, configuram suas experiências nelas, ou seja, (nas) cidades, o olhar (das) cidades apontam um caminho metodológico para se pesquisar cidades. Serão feitos um olhares (das) cidades, pois a experiência, (nas) cidades só podem ser sentidas por aqueles que vivem o universo que se deseja estudar, portanto quem olha de fora fará uma observação (das) cidades, conforme pensa (MAGNANI, 2002).

Nesse contexto que é teórico, e ao mesmo tempo é metodológico pois aponta meios de observar as experiências empíricas do meio urbano, pode-se concluir que para a pesquisa seja desenvolvida será necessário uma interpretação da vida das cidades como fator de construção das análises do meio urbano em que se deseja estudar, assim é necessário perceber que há um apontamento importante sobre essas urbanas que são propostas por (MAGNANI, 2002, p. 19) onde fala que:

Um desafio para todos os quem têm a cidade contemporânea como tema de estudo é, pois, o de construir modelos analíticos mais econômicos que evitem o risco de se reproduzir, no plano de um discurso interpretativo, a fragmentação pela qual as grandes metrópoles são muitas vezes representadas na mídia, nas artes plásticas, na fotografia e em intervenções artísticas no espaço público,

Esses apontamentos teóricos/metodológicos acerca do cotidiano do CAP'S de Messejana, sobre a percepção médica dos profissionais da unidade sobre adoecimento mental em decorrência da violência e sobre as violências urbanas, buscaremos nessa metodologia entender a lógica de formação das *práxis* (prática social) em construção da cidade, conforme pensa, (LEFEBVRE, 1991), ao direcionar a pensar a cidade por via de suas transformações sociais.



## 6.CRONOGRAMA

	Janeiro – Fevereiro – Março 2019	Abril – Maio – Junho 2019	Julho – Agosto – setembro 2019	Outubro - Novembro - Dezembro 2019
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	X	X	X	X
COLETA DE DADOS INICIAIS  DO E DO COTIDIANO DA UNIDADE.	X			
COLETA DE DADOS EM ENTREVISTAS COM OS PROFISSIONAIS DA MEDICINA PSIQUIÁTRICA DA UNIDADE		X		
OBSERVAÇÕES SOBRE AS VIOLÊNCIA URBANAS NAS REGIÕES	X	X		
ANALISE DOS DADOS	X	X	X	
PRODUÇÃO DE UM ARTIGO CIENTÍFICO		X	X	
PUBLICAÇÃO DO ARTIGO EM EVENTOS.				X

## 7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, Hanna. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1994;
- BAUMAN, Zygmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Zahar, 2009;
- BORDIEU, Pierre Félix. Espaço social e espaço simbólico. In: \_\_\_\_\_. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 8.ed. Campinas: Papyrus, 2007. p.13-33
- BRASIL, Eysler Gonçalves Maia; JORGE, Maria Salete Bessa; COSTA, Edmara Chaves. Concepções de usuários e trabalhadores de um CAPS da SER-IV, de Fortaleza-CE, acerca do cuidado em saúde mental.**Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 7, n. 3, p. 333-338, 2008;
- CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico-V**. Artmed Editora, 2009;
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Artmed Editora, 2009;
- DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Instituto Piaget, 1994. Cap. 3, p. 93-137 e conclusão p. 259-268;
- FIKS, José Paulo; JÚNIOR, Andres Santos. **Contraste oculto violência psicopatologia e cultura**. Ed. Casa Leitura Médica; 2009;
- FERNANDES, Danielle. **Por um trilho: memórias de resistência**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016;
- FLORES, Renato Zamora. Biology in the violence.**Ciência & Saúde Coletiva**, v. 7, n. 1, p. 197-202, 2002;
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009;
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2011;
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - 3. reimpr. - São Paulo. Editora Atlas, 2010;
- GODOY, M. G. C. et al. Condições organizacionais e saúde mental dos trabalhadores dos Caps do Ceará. In:**CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE**. 2007;

GUERRA, Alba Gomes; CARVALHO, Glória. **A violência como efeito da cristalização da fantasia de onipotência.** *Psicol. estud.*, v. 9, n. 1, p. 103-110, 2004;

LALLEMENT, Michel. **História das idéias sociológicas: das origens a Max Weber.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Parte III, p. 255-311;

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade;** tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo, Editora Moraes, 1991;

MACÉ, Eric. As formas da violência urbana: uma comparação entre França e Brasil. **Tempo social**, v. 11, n. 1, p. 177-188, 1999;

MAGNANI, José Guilherme Cantor et al. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002

SANTOS, Marcos Roberto Paixão; NUNES, Mônica de Oliveira. **Território e saúde mental: um estudo sobre a experiência de usuários de um centro de Atenção Psicossocial, Salvador Bahia, Brasil.** *Interface-Comunicação, saúde, educação*, v. 15, p. 715-726, 2011;

SANTOS, José Vicente Tavares dos. Violências, América Latina: a disseminação de formas de violência e os estudos sobre conflitualidades. **Sociologias**, n. 8, p. 16-32, 2002;

SAVELETA, Paulo Clemente. Contraste oculto: violência, psicopatologia e cultura. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 31, n. 4, p. 396-396, 200;

SILVA, Luiz Antônio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e estado**, v. 19, n. 1, p. 53-84, 2004;

SIMMEL, Georg et al. A metrópole e a vida mental. **O fenômeno urbano**, v. 4, p. 11-25, 1979;

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Cap. 2, pág. 39-58

SOUZA, Maurício Rodrigues de. **Psicanálise, antropologia e alteridade: apontamentos para um debate.** 2012